

AMOSTRA GRÁTIS

Cuidado: malucos

Douglas Cavalcante

ISBN Digital: 978-65-00-37284-7

ISBN impresso: 979-87-93-77061-3

Autor: Douglas Cavalcante

Revisão: Júlia Castilho

Capa: Keyle Cavalcante

Imagens:

- Capítulo XXV - Imagem de [OpenClipart-Vectors](#) por [Pixabay](#)

Bem-vindo

Convido a quem quer abandonar o senso crítico e dar boas risadas a abrir as próximas páginas. Vou te contar uma história maluca e escatológica. Do contrário, se não conseguir abandonar a rabugentice, recomendo que pegue um Machado.

Capítulo I

Assim que entrou no consultório, Adriana sentiu que estava no lugar errado. Tudo era colorido, com brinquedos e prateleiras por todos os lados; onde ela deveria sentar-se era uma poltrona infantil; ela dobrou-se com as pernas e braços grandes demais.

“Se não se importar!”, o psicólogo disse. “A minha sala está em reforma. Estou atendendo no consultório infantil.”

“Tudo bem!”, Adriana sorriu, envergonhada.

“Pois bem! É nossa primeira sessão. Vou fazer algumas perguntas para traçarmos a melhor

abordagem. Tudo bem?” Adriana assentiu. “Me fale primeiro sobre sua profissão...”

“Bem... Sou terapeuta ocupacional, especialista em cuidados de pacientes em estado mental grave!”

“Ah! Me lembrei. Me ligou na quinta-feira dizendo que teve uma crise de nervos. Não foi?”

“Sim”, Adriana assumiu, desconfortável. “Bem... Dois dos meus clientes começaram a brigar e eu reagi de forma agressiva...”

“Clientes... hum!” O psicólogo repetiu aquela palavra como se possuísse um significado enigmático e, depois, concluiu: “Conte-me mais.”

“Esses dias, uma cliente... ou melhor... Paciente nova começou. Ela se chama Jurema. Moça inteligente e inflexível, que está sempre se irritando com o Jair, um senhor de cinquenta anos, antiquado e peculiar.” Adriana remexeu-se tentando se acomodar na poltrona e continuou: “Certo dia, o Sr. Jair estava falando de uma

conversa que teve com uma enfermeira, certa vez, muitos anos atrás, numa situação em que precisou fazer um espermograma. Ele falou: ‘Enfermeira, quando eu faço o exame de sangue é você que retira o sangue. Por que neste exame tem que ser diferente?’. Pois, a Jurema escutou de longe e replicou que aquele comentário era hiper machista. Começaram a discutir e a gritar no meio do saguão.”

“Espermograma... hum!” De novo, a palavra enigmática repetida.

“Isso! Então, me chamaram para resolver o caso. Entre os gritos deles, me irritei, taquei os prontuários no chão, gritei mais alto, chutei um balde de lixo cheio de fraldas geriátricas, espalhei cocô para todo lado. Foi uma loucura! Acabei sendo acalmada pelos próprios pacientes e outros funcionários. Depois, tive um papo complicado com meu chefe... onde prometi que procuraria ajuda e aqui estou!”

O psicólogo gargalhou no limite profissional — nem muito, nem pouco. Assim que recobrou a seriedade, perguntou: “Isso já tinha acontecido antes? Esses acessos de fúria?”

“Jamais! Eu sou calma e centrada; não é à toa que sou a gerente. Imagina? Lido com muito stress, com a loucura e a raiva o tempo todo. Já são vinte anos trabalhando na clínica, confiam em mim!”

“Vinte anos... hum... Esse é um ponto interessante... Irei continuar com as perguntas. Porém, já vou te deixar com uma lição de casa. Não me responda agora. Quero que pense por que escolheu essa profissão.” Adriana coçou o queixo, pensativa.

O psicólogo prosseguiu a sessão com sua sequência de perguntas nada interessantes, baseadas em conceitos profundos de psicologia ou em livros baratos de paquera.

Capítulo II

‘Por que eu me tornei terapeuta ocupacional?’

Essa perguntinha malvada ficou rodeando Adriana nos dias seguintes. A primeira resposta era óbvia: porque não havia passado em medicina. A segunda remetia a sua infância, quando era uma garotinha de oito anos. Ah! Ela se lembrou de quando atormentou sua mãe que adotasse um cãozinho. A mãe, rabugenta, respondia que já tinha que cuidar da casa, filhos e marido (incapaz de lavar um copo). Um cão seria mais trabalho para ela.

Porém, quando uma criança prega uma ideia na cabeça, não desiste nem com cabo de vassoura. A pequena Adriana não desistiu e, dia após dia, tocava no assunto sobre o cãozinho.

Sua mãe, sem alternativas, fez um trato, dizendo que a filha deveria cuidar de todas as obrigações, desde as visitas ao veterinário até a ração e a limpeza do cocô. E, também, uma condição adicional: a mãe escolheria o cachorro. Adriana

concordou e prometeu fazer tudo o que o animal precisasse.

Só que a velha não era fácil. Tramando fazer a menina desistir da ideia, adotou um cão paraplégico.

Quando chegou o grande dia, Adriana e seu irmão mais velho, aguardavam entusiasmados a chegada do amigo. A mãe surgiu com o peludo sorrindo para as crianças. Assim que colocou o animal no chão, ele saiu andando apenas nas patinhas da frente, arrastando a traseira. O garoto riu e logo inventou apelidos: *drift*, esfregão e escorregador de pulgas eram seus favoritos. Já Adriana não ligou; queria tanto um cãozinho que o amou à primeira vista.

Contrário ao que a mãe imaginara, todo o cuidado necessário desenvolveu na menina um amor genuíno e inquebrantável. O cão envelheceu junto com Adriana e ela cumpriu sua palavra cuidando dele até a morte.

Ainda pensando na pergunta do psicólogo, Adriana levou sua memória para a adolescência, quando repetia que queria ser médica.

Assim que terminou o colégio, tentou entrar na USP, mas não conseguiu. Sua mãe, vendo a frustração da filha, sugeriu a profissão de terapeuta ocupacional; não sabiam do que se tratava, mas achavam o nome tão lindo. Adriana aceitou o pitaco. Estudou, estudou e conseguiu entrar numa universidade federal; depois, fez especialização em transtornos graves e saiu de lá como estagiária em uma clínica de alto padrão.

Adriana trabalhou bem. De estagiária virou efetiva, depois encarregada, depois coordenadora. Assim, de cargo em cargo, vinte anos se passaram. Acostumou-se a atender gente rica, poderosa e delirante. Porém, ela mal conseguia pagar as prestações do apartamento sem abrir mão de confortos e entretenimentos.

Uma semana mais tarde, de volta ao psicólogo, Adriana tentava acomodar-se na poltrona infantil.

“Pensou no que lhe pedi?”, perguntou o psicólogo.

Adriana fez que sim e contou toda a história do cão e concluiu: “Escolhi ser terapeuta porque amava cuidar daqueles que precisam de ajuda”

“Amava?”, o psicólogo indagou.

“Eu trabalho há décadas com isso. E, nos últimos dias tenho me perguntado se ainda quero continuar. Às vezes, acho que estou a um passo de surtar e ser internada também. Como se os distúrbios que combato fossem contagiosos!”

O psicólogo anotou algo. Adriana imaginou duas possibilidades: a resposta dada ou um cálculo de quanto ele lucrava escutando suas bobagens. Depois, disse: “Veja bem: cuidar é um ato de amor. Então, vamos para mais uma lição de casa? Pense em como demonstrará amor pelos seus pacientes. Quero que me traga uma lista do que pode fazer para demonstrar isso.”

Capítulo III

Maldito psicólogo! Em vez de ajudá-la a recuperar a normalidade, fazia-a ficar pensando o tempo todo naquelas ‘lições de casa’.

Ela já dormia mal pensando em quão ruim seria o próximo dia; agora, ficava acordada analisando como demonstrar ‘amor’ aos pacientes. Numa noite de insônia, ficou na sacada observando a metrópole de cima; prédios altos, ruas com luzes piscantes. Respirou fundo e sentiu o fedor da pauliceia desvairada arranhar a garganta. Julgou que estaria melhor se vivesse sem poluição e sem o barulho dos carros e escapamento das motos. Imaginou uma casinha simples, com uma jabuticabeira no quintal, uma cadeira de balanço, ar puro e silêncio. Olhou pro céu e sentiu tristeza; queria ver o brilho das estrelas. Pensou que, se a cidade era capaz de ofuscar até a luz dos celestes, ela não teria chance alguma de voltar a brilhar.

Após alguns dias, obcecada em encontrar a grande amostra de amor, perdia-se em

pensamentos por toda a parte. Até mesmo durante o trabalho, enquanto assinava papéis e respondia e-mails. E, foi ali que teve uma ideia genial, enquanto olhava o papel de parede do computador, pensou: “Por que não sair um pouco da cidade grande? Poderíamos fazer uma viagem pro litoral. Não há nada como um dia na praia para recuperar a paz mental. Sairei da rotina e darei algo agradável para mim e para os pacientes.”

Dias depois, no psicólogo, Adriana sentava-se na poltrona infantil de novo, se perguntando se existia um consultório para adultos.

“Pensou no que lhe pedi?” Aquela pergunta mais uma vez! Adriana pensou que os psicólogos deveriam ser substituídos logo pela tecnologia. Bastava um aplicativo que falasse as seguintes frases entre as pausas: “Hmm.”, “Conte-me mais.”, “Continue.”, “Como é essa sensação?” que pronto. Profissão extinta! Viva os aplicativos!

Adriana explicou as suas ideias e destacou a viagem à praia. O terapeuta animou-se no limite profissional — nem muito, nem pouco.

No fim da sessão, Adriana saiu do consultório flutuando: tinha um plano para ser executado; selecionaria seus pacientes e os levaria até o mar.

Capítulo IV

Alguns dias depois, tomaram-se os preparativos para a tão aguardada viagem, selecionaram os pacientes apropriados e arranjaram a papelada com as autorizações preenchidas.

Para economizar, selecionaram um micro-ônibus numa locadora de automóveis. Júlia, enfermeira da clínica, foi escalada para a viagem, pois também tinha a carteira de motorista apropriada — legado de quando dirigia para a transportadora de seu pai.

No horário planejado, Júlia estacionou o micro-ônibus do tipo escolar. Ela observou o grupo sair em fila indiana. Adriana liderava. Eles pararam diante do ônibus e ela disse que faria uma

chamada; conforme os nomes fossem anunciados os pacientes deveriam entrar. Ela chamou um a um: “Jair, Nandinho, Poviléu, Inácio, Jurema, Vana, Duda e Távio!”

Depois, Adriana entrou no ônibus sorrindo e saltitante. “Estão todos animados?”, perguntou. Os passageiros gritaram como se *fossem* loucos, exceto Nandinho, que reclamou dizendo que não queria ir à escola.

Assim que o motor ligou, Jair implicou que o veículo era grande demais para uma moça tão pequena dirigir. Jurema se irritou chamando-o de machista. Um pequeno tumulto aconteceu com gritos e guinchos. Quando o silêncio retornou, Inácio, do fundo do ônibus, gritou: “Galera! Deixem a mulher trabalhar!”

Capítulo V

Naquela mesma manhã, Michel esticou-se, ainda na cama, com preguiça. Seria mais um dia de trabalho que desejava evitar. Foi cambaleando até

a cozinha, passou o café, fritou alguns ovos; aproveitou para acabar com a mortadela que estava prestes a estragar; acordou Michelzinho, seu filho e, depois, sua esposa, Marcela, trinta anos mais jovem.

Enquanto saboreava o café, olhava a família e agradecia a Deus, especialmente por estar vivo. Sabia que não estava ficando mais jovem, que não tinha mais o mesmo vigor de outrora. Mas, ninguém precisa disso para aproveitar os bons momentos. Seguia grato pelo que tinha.

“Hoje, depois que eu chegar do trabalho, quero ir ao shopping para comprarmos uma chuteira para você!”, Michel disse apontando para o menino enquanto mastigava o pão com ovo.

“Melhor não! Ontem, fui chamada na escola”, disse Marcela. “Seu filho brigou de novo e está de castigo até o final do ano!”

“Mas, mãe, eu já disse o que aconteceu!”, o menino tentou defender-se e logo foi interrompido pelo pai.

“Não há motivo para usar violência. Já falei isso um milhão de vezes.”

“Mas eles disseram que você era meu avô!” O argumento do garoto fez Michel perder as palavras por um instante.

“Pra falar a verdade, filho, independente de quem eles ataquem, mesmo que seja seu velho pai, não há lugar para violência nessa casa e você precisa mudar seu comportamento.” Michel parou para dar mais um gole no café e mastigar um pouco. O garoto murchou, envergonhado. Michel retomou: “Mesmo assim, vou abrir uma exceção. Ainda devemos te colocar na escola de futebol. Um pouco de esporte e de atividade física irão te ajudar a controlar a raiva. Assim que chegar do trabalho, vamos lá comprar a chuteira.”

“Eba!”, o garoto comemorou.

“Mas é sério! É sua última chance. Se pisar na bola mais uma vez, não só irei te tirar do futebol como vou pedir pra te colocar num trabalho lá na oficina. Agora, vamos que preciso trabalhar.”

Michel olhou os ponteiros e apressou-se. Deu um beijo na esposa, enfiou o filho no carro. Enquanto se preparava para iniciar sua jornada diária, tinha a estranha sensação de que aquele dia não seria comum.

Ele estava certo.

Capítulo VI

“Por favor, venha até a minha sala!”, disse o delegado enquanto tocava o ombro de Max que apontou para o celular, pendurado na orelha, indicando que estava falando. O delegado fez sinal de ‘joia’ e indicou que aguardaria.

“Certo. Certo. Agora, preciso falar com meu chefe.” Max direcionou a ligação para o fim. “Por favor, me manda notícias dela. Segue a orientação do médico direitinho, coloca alarme no celular pra não esquecer de dar o remédio. Tá? E, vai me avisando. Tchau! Tchau!”

“Era seu pai?”, o delegado perguntou. Max disse que sim e o delegado concluiu: “É sobre isso

mesmo. Vamos até minha sala, tenho uma boa notícia para você!”

Os dois caminharam pela delegacia esquivando-se dos pequenos tumultos ao redor, tão comuns em sua rotina que, para eles, passavam despercebidos. Entraram na sala do chefe; Era ampla, com uma mesa de mogno, uma impressora (que não cuspiu nada há anos), pilhas de papéis e um telefone que tocou assim que Max entrou.

“Eita! Tá difícil para falarmos, hein? Quando não é você, sou eu no telefone!” O chefe reclamou ao mesmo tempo que atendeu e, assim que ouviu do que se tratava, fez sinal indicando que seria rápido. Não foi.

Max ficou como um bobão observando o chefe; não ia com a cara do sujeito. Era o tipo que sempre usava uma palavra em inglês quando sua equivalente em tupiniquim era tão melhor. Além disso, para Max, era soberbo, como se estivesse rebaixando os outros. Se não fosse a disciplina militar, já teria o mandado tomar juízo. Por fim,

após alguns minutos assistindo ao chefe, a ligação se encerrou.

“Desculpe, era uma *call* que estava aguardando há um tempo”, disse o delegado.

“Sem problemas. Parecia importante.”

“Sim. É relacionado a algumas ações que coloquei na bolsa. Mas, é um assunto chato.” O chefe congelou por um instante olhando para a tela do computador e pediu mais um segundo. Deu alguns toques no mouse e no teclado e depois voltou a atenção para Max. “Então... era sobre a bolsa de valores, você não entenderia. Pois bem, tenho uma ótima notícia para você. Bem... Veja aqui o e-mail que recebi há pouco: ‘Máximus Cortês, autorização de transferência’. Até que enfim vai poder seguir aquele *move* pro litoral! Falando nisso: como tá sua mãe?”

“Ah! Continua na mesma. Muitos remédios e consultas. Mas, logo vai melhorar e eu me mudando pra lá vai ajudar. Eu acho.”

“Vai sim, com certeza! Pai e mãe é isso, cuidam da gente pra depois cuidarmos deles. Mudando de assunto, queria te pedir um favor. Preciso entregar uns documentos no fórum de Guarujá. É perto deles?”

“Mais ou menos... Dá uns quarenta minutos... De balsa...”

“Poxa! Acha que conseguiria ir ainda hoje pra lá? Sei que estou pedindo em cima da hora. Se não puder, tudo bem.”

“Não, não. Eu dou um jeito. É melhor que fazer ronda aqui. Se me deixar folgar amanhã, vai ser melhor ainda.”

“Nesse caso, faz assim: vai depois do seu almoço. Tudo bem?!”

Max assentiu.

Capítulo VII

Embora com todos os ingredientes para que tudo desse errado, a *loucomotiva* chegou ao destino com sucesso. Na praia, os pacientes se comportaram bem, seguiram as orientações da terapeuta, entraram no mar, se divertiram, comeram todas as iguarias praianas e, para os menos ativos, relaxaram o corpo e a mente deitados no sol.

Adriana e Júlia também curtiram o passeio. Descansaram e puderam se aproximar de alguns — em especial: Léu e Jurema, que ficaram o tempo todo perto delas.

Léu tinha hipertimésia, um distúrbio que o impedia de esquecer as coisas. Embora pareça um superpoder, ele considerava uma maldição.

“Eu já falei isso pra Doutora!”, Léu justificou-se olhando para Jurema. “É horrível. A todo momento que fecho os olhos ou deixo meus pensamentos vagarem é como se voltasse no

tempo. Enxergo, escuto e até mesmo sinto as coisas que já vivi!”

“Mas isso é maravilhoso! Poder reviver os bons momentos!”, Jurema retrucou, brincando.

“Não, porque não controlo bem onde minha memória vai me levar. E, geralmente, os traumas marcam mais, tipo: tô sempre voltando naquele dia que fui assaltado a caminho de casa; aquele bandido apontando o revólver pra mim, mandando eu tirar as calças, porque, segundo ele, era de marca... mandando eu entregar o celular novinho! Fiquei tão traumatizado que não uso mais roupas caras.” Léu fez uma pausa para coçar o traseiro. “Até com celular não ando mais! Morro de medo de ser assaltado de novo! Isso é só um dos traumas que eu tenho.”

Adriana já conhecia Léu há anos. Ela aproveitou para sugerir alguns exercícios de respiração que o ajudariam a focar no presente; ele precisava inspirar em cinco segundos, segurar o ar um pouquinho e expirar em oito segundos. Deveria

repetir o processo até se acalmar e sentir a ponta dos dedos formigarem.

Já Jurema era a mais nova do grupo. Estava na clínica há apenas dois meses. Fato curioso é que Jurema era psicóloga, mas nunca exerceu a profissão. Em suas observações iniciais, Adriana notou que ela tinha obsessões e constante mania de perseguição.

“Seu nome não é Leonardo, né? Escutei te chamarem de... Como era mesmo?”, Jurema disse revirando os olhos e estalando os dedos.

“Poviléu. É estranho, eu sei. A cada filho, meu pai tinha a mania de pegar uma palavra aleatória do dicionário e dar de nome pra gente. Eu nem fiquei com o pior, todo mundo me chama de Léu no fim das contas... Agora, meus irmãos se deram mal: Trema, Candura, Auferir e Abster” Todos gargalharam. Léu também.

Jurema retomou a palavra, mudando de assunto: “Adriana, fale sobre o Jair!”

“Tipo... o que você quer saber?”, Adriana respondeu, também curiosa.

“O motivo. O que o trouxe à internação!”

“Eu não posso falar disso. Você sabe bem! Por que não pergunta pra ele?”

“O pouco que conheci dele me deu nojo. Queria saber por curiosidade. Ah! Você sabe que, mais cedo ou mais tarde, eu vou achar o motivo.”

“Ele tentou explodir o local em que trabalhava!”, Léo disse, fofoqueiro e intrometido.

“Encontraram alguns quilos de dinamite debaixo da mesa do chefe dele!”

“Minha deusa! Isso é verdade?”

“Não posso falar sobre isso!” Adriana incomodou-se e saiu andando. “Falando neles, vou ver o que estão aprontando.”

Assim que a doutora foi embora, a fofoca continuou: “E a Vana, você sabe?”

“Ela tem fortes problemas comunicacionais. É prolixa. Vai notar que é difícil entender o que diz. Por conta disso, sofreu *bullying* severo e grave perda de autoestima!”

“Tadinha, eu gosto dela. E o Inácio?”

“Esse eu não tenho certeza. Há muitos rumores, o mais forte é que ele é cleptomaniaco. Vai notar que ninguém deixa as coisas de valor perto dele!”

“Menine! Que babado forte!”, Jurema ficou boquiaberta.

Capítulo VIII

Regado a conversas, descanso e boa comida, o dia voou e, no horário combinado, Adriana olhava os ponteiros constatando que tinham de retornar.

Os pacientes estavam a uns trinta metros. Ela acenou pedindo que voltassem. O grupo acenou de volta, porém, sem sinal de levarem o pedido a sério.

“É melhor ir lá!”, comentou Júlia, a enfermeira e motorista.

“Não tô a fim de amarrar ninguém hoje”, Adriana brincou e Júlia riu.

Ao se aproximar, Adriana viu que estavam observando um peixe morto e rindo.

“Veja doutora, que peixe é esse?”

“Não tenho ideia!”

“Será que é um baiacu? Se fosse, não deveríamos estar perto”, disse Jair balançando a cabeça. “Eles têm espinhos e incham. Incham até explodirem. Os espinhos voam pelo ar e tem veneno. Um perigo!” Ele se virou para Adriana. “Não é doutora?”

“Pessoal, de peixe eu só conheço o sabor e nem gosto muito”, ela respondeu. “Já são 3 horas, temos que voltar para casa.”

O grupo murchou em lamúria.

Jair tomou a frente e falou como um ditador. “Vamos voltar sem causar problemas. Se não fosse pela Adriana, nem tínhamos vindo aqui. Ok?”

Capítulo IX

Às 15h30, a porta da van se fechou. Todos os loucos estavam prontos para voltar para casa.

Távio se animou, dizendo: “E conforme a família de Noé entrou na arca, Deus fechou a arca por fora. Gênesis 7:16. Só tomara que não venha um dilúvio agora.”

“Na minha Bíblia essa história é com Moisés!”, acrescentou Duda.

“Impossível! Todo mundo sabe que é a Arca de Noé”.

“Não sei... A minha mãe sempre me perguntava: ‘Dudinha, quantos animais Moisés levou pra arca?’. E, eu sempre dizia: ‘Dois!’ . Ela então passava a mão na minha cabeça e dizia que eu era inteligente”.

“Gente, é a Arca de Noé! Não têm Moisés nessa história”, acrescentou Jurema.

“Então, qual é a história dele?”, Duda perguntou.

“Moisés é aquele que voou sobre a água, ou melhor, que andou sobre a água!”, respondeu Vana.

“Mas porque ele fez isso?”, Jurema perguntou.

“Pra não morrer afogado”, disse Duda.

“Não! Quero saber por que Deus fechou a porta da Arca por fora.”

“Veja bem”, Távio tomou a palavra, sábio.

“Deus sabia que Noé ia sentir pena das pessoas que estavam do lado de fora e abriria a porta para entrarem.”

“Então...”, Jurema concluiu. “Noé era mais bonzinho que Deus?”

A conclusão deixou Távio sem respostas. “Veja bem... De certa forma... Aos olhos humanos, sim.”

“Alguém poderia checar se a porta da van está aberta? Fiquei preocupado”, alertou Duda.

Adriana gritou do banco da frente: “Ninguém vai abrir a porta, o carro está andando!”

“Mas e se estivermos presos, igual Moisés?”
Perguntou Duda.

“Noé!”, Távio corrigiu. “Noé!”

“Tenta logo abrir essa porta!”, ordenou Sr. Jair.

Entre gritos de aprovação e censura, Jurema levantou-se e tentou abrir a porta que não abriu. Ela tentou de novo, não abriu. Tentou de novo e... nada.

“Meu Deus! Libertai-nos!”, suplicou Távio.

“Estamos presos!”, Duda clamou.

“Tem misericórdia de nós, Senhor!”

“Não acredito que estão tentando abrir a porta!”, Julia berrou.

“Vou tentar a saída de emergência!”, disse Duda já puxando o martelinho e preparando-se para quebrar o vidro.

“Calma. Calma. Calma!” Julia usou a buzina para chamar a atenção. “A porta da van não abre em movimento, gente! É um mecanismo de segurança. Esse é um carro de transporte.”

“Ahhhhnnnn.....”, um rumor de alívio soou.

Capítulo X

Nos assentos traseiros, os doidos continuavam suas conversas corriqueiras.

A cada quilômetro, Adriana deleitava-se em ter cumprido sua tarefa; tinha proporcionando qualidade de vida àqueles moribundos, algo que eles e ela não se esqueceriam tão cedo. De consciência tranquila, reclinou o banco e fechou os olhos; o ônibus balançava gostosinho, como um navio descendo e subindo nas ondas. Ela dormiu como um bebê. Porém, a paz durou pouco. O ônibus sacolejou, seguido de uma

derrapada. Adriana acordou assustada. Júlia xingou e olhou no retrovisor; um pedregulho repicava pelo asfalto.

“Tomara que...” Adriana foi interrompida com o barulho de lata arrastando no chão. “... não fure o pneu.”

“Quando eu era militar, trocava até pneu de tanque de guerra. Isso vai ser rápido. Deixem comigo!”, Sr. Jair falou, tentando tranquilizar os demais.

“De jeito nenhum! Ninguém sai do carro!”, Adriana ordenou.

Júlia levou o veículo, com o volante abobalhado, até o acostamento e puxou o freio de mão. Adriana foi a primeira a descer, Júlia foi em seguida. Analisaram o estrago. A pedra acertou o meio da roda que entortou e o ar vazou pelas laterais.

“Quer que eu ligue pro seguro?”, Adriana perguntou com o celular na mão.

“A gente consegue! Guarda o celular e vem ajudar!” Adriana riu sem motivo, olhou ao redor e, ao notar que não tinha bolsos, guardou o celular no bojo do sutiã.

De fato, era só um pneu furado e bastava trocá-lo. As mulheres uniram-se para realizar a tarefa. Macaco. Chave de rodas. Parafuso. Graxa. Estepe. Parafuso. Desce o carro e... *voilà!* No fim do processo, elas limpavam as mãos num paninho sujismundo, satisfeitas por terem feito um bom trabalho.

Foi então que notaram três motos estacionando atrás delas. Adriana sentiu um frio percorrer a espinha de baixo até em cima. O coração acelerou. Os homens estavam armados.

“Perdeu! Perdeu!”, o criminoso gritou. “Carteira, celular, chave! Passa logo. Cadê? Vai logo!” Os outros criminosos apontaram os revólveres.

“Tá tudo dentro do carro... A chave tá no contato! Documento no porta-luvas”, Júlia respondeu tremendo.

“Tem segredo? Se enguiçar volto aqui e mato vocês!”

Júlia fez sinal de não. Adriana teve uma crise de choro e, entre lágrimas, disse: “Por favor, deixe eu pegar os...”

“Cala a boca!” O encapuzado deu uma coronhada nela, que caiu. “Levantem e vão andando! Pra lá, contando até cinquenta passos... só depois podem olhar pra trás. Vai logo, pow! Vai logo!” O encapuzado apontou o revólver. Adriana se levantou com a ajuda de Júlia.

A essa altura, os outros bandidos já tinham entrado no veículo. Sem opção, elas obedeceram em passos temerosos. Adriana virou-se para falar algo, mas desistiu. O bandido estava apontando a arma para ela.

“Eu falei pra não olhar pra trás! Se abrir a boca ou se virar de novo, eu atiro!”

Adriana obedeceu. Elas seguiram passo a passo e apenas escutaram o que aconteceu atrás: a porta batendo, o motor ligando, as rodas derrapando.

FIM DE AMOSTRA GRÁTIS

Para realizar a aquisição do livro completo.
Acesse o endereço abaixo.

<https://douglas.literame.com.br/>

Me siga também nas redes sociais:

[INSTAGRAM](#)

[TIKTOK](#)

[YOUTUBE](#)